

Como me Tornei Contista

Antonio Carlos Viana

Comecei a escrever por acaso. Não foi algo planejado, que tenha nascido de um desejo obstinado, como acontece com muitos que desde sempre disseram: “Vou ser escritor”. Claro que, um dia, tive meus sonhos de ser poeta, como todo mundo tem. Isso eu ainda estava no colegial, mas logo desisti do intento quando descobri que estar ao lado de um Drummond, de um Bandeira, de uma Cecília Meireles não era nada fácil. Pensava que escrever poesia bastava seguir a emoção porque emoção todo mundo tem. Quando descobri mais adiante que era preciso muita técnica e conheci a obra de João Cabral de Melo Neto, desisti de vez da poesia. Só fui voltar a pensar em escrever alguns anos depois de formado em Letras. Aí já tinha lido muito, descoberto grandes autores, e visto que a imaginação podia ser a porta para voar para universos bem pessoais.

Eis que um dia descubro um contista chamado José J. Veiga e seu livro “Os cavalinhos de Platipanto”. Fiquei fascinado por aquele jeito de narrar de forma tão inocente, mas que no fundo tinha uma profundidade que a gente só descobria depois que relia o conto. Senti uma sintonia imediata entre aquele mundo de meninos solitários, de adultos às voltas com seu mundo, ignorantes da sabedoria infantil. As crianças, em José Veiga, sempre veem mais do que os adultos. Havia muito da infância ali.. Foi depois daquela leitura dos “cavalinhos” que senti vontade de escrever. Algo me dizia que aquele poderia ser meu caminho.

Do primeiro conto ninguém esquece. Ainda me lembro de que havia comprado uma máquina de escrever Remington portátil, um dos meus grandes sonhos. Naquele tempo, início dos anos 70, comprar a primeira máquina de escrever correspondia hoje não ao primeiro computador, mas ao primeiro Fusca. Quando cheguei em casa com aquele troféu, fruto de minhas sofridas economias, pus uma folha de papel e comecei a escrever o que me veio à cabeça, sem nenhuma pretensão outra que experimentar o teclado da máquina. Deixei que minha imaginação guiasse meus dedos. Ao final de uma hora mais ou menos, saiu uma história estranha, a de um menino cujo irmão parece estar morto e a mãe não dá ao menor atenção a ele, atarefada que está em fazer doce de goiaba. A história se desenvolveu por caminhos que eu não suspeitava aonde iam dar. Depois de algumas horas, vi que tinha um conto a minha frente, meu primeiro conto. Eu mesmo me surpreendi com seu desfecho. Era a época do realismo mágico, a descoberta de *Cem anos de solidão* talvez tenha contribuído para aquela história, que a mim me pareceu sem pé nem cabeça. Guardei. Confesso que ainda não tinha o domínio de um instrumental teórico que me dissesse que um conto estava bem realizado ou não. Eu ainda não tinha feito a leitura de Edgar Allan Poe e de Cortazar, dois grandes contistas e teorizadores do gênero. Li na época *Bestiário*, que me deixou impressionado. A descoberta de Cortázar foi outro momento estupefação. Como aquele homem conseguia escrever a partir do banal e dar uma dimensão extraordinária a suas histórias? Descobri que escrever podia ser fonte de emoção, tanto

do lado do leitor quanto do lado do escritor, quando se consegue chegar a um bom resultado. Peguei então o hábito de sentar à máquina e escrever sem nenhum compromisso e as histórias foram saindo.

Nunca mais parei de ler os grandes contistas. Foram eles que me educaram o gosto pela escrita.

Um outro encontro importante foi *Laços de família*, de Clarice Lispector. Fiquei tão apaixonado por ela a ponto que comecei a escrever coisas abstratas, algo metafísico, bem diferente do que eu vinha fazendo. Uma encruzilhada. Por onde caminhar? Logo percebi que qualquer imitação de Clarice virava pastiche e eu não queria ser apenas o eco de sua voz. Retomei o caminho anterior, cada vez mais buscando as histórias na minha infância, embora não haja entre meus contos nenhum que seja autobiográfico. Pego um dado aqui, outro ali, transformo-os em ficção.

Na época, havia muitos concursos literários, com prêmios bons, e no júri havia escritores e críticos do porte de Raquel de Queirós, José Cândido de Carvalho, Stella Leonardos e outros mais. Resolvi me arriscar. Peguei os três melhores contos e mandei para dois deles e, para meu espanto, ganhei. Comecei então a ganhar concursos e foi aí que tive certeza de que deveria continuar naquele caminho. Até que em 1974, juntei meus contos e publiquei *Brincar de manja*, um livro com muitos ecos da infância.

Àquela altura, eu já conhecia a obra dos grandes autores: Virginia Woolf, Jorge Luis Borges, Katherine Mansfield, Tchekov, Maupassant, Kafka (outro susto), Machado de Assis, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, e uma multidão de contistas que começou a aparecer numa revista de fundamental importância na época intitulada "Ficção".

Se ainda havia em mim desejos de ser poeta, agora eles estavam enterrados de vez. Teria de procurar um lugar difícil e disputado ao lado de um Rubem Fonseca, um Dalton Trevisan, uma Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, João Antônio e tantos mais.

Paralelamente a essa minha descoberta de que podia ser contista, desenvolvia minhas leituras teóricas. Allan Poe e sua busca do "efeito singular e único". Foi ele quem me ensinou a buscar por meio do agenciamento dos elementos do conto a produzir certa emoção no leitor. O texto deve causar no leitor um estado de "excitação", de "exaltação da alma". Com Cortázar, aprendi que do cotidiano mais banal, pode surgir o fantástico. Mas foi nos formalistas russos e suas teorias sobre a narrativa que tive o primeiro choque técnico de verdade. Ali, a narrativa é dissecada, ficando expostas todas as suas vísceras. Tudo isso foi se somando até desaguar num curso de mestrado que só me ajudou a entender mais o mundo da literatura. Depois veio o doutorado, quando se deu uma outra descoberta: a obra de Paul Valéry, que me deu muita segurança quanto à minha forma de pensar a escrita.

Chegado a esse ponto, a facilidade do início da carreira, quando escrevia ao fluir dos dedos, foi desaparecendo, a ingenuidade estava morta e agora eu só via o lado técnico do ofício. Os culpados? Todorov, Kristeva, Greimas, Barthes (em menor escala), toda uma galeria de teóricos que pareciam desidratar o texto daquilo que para Allan Poe era fundamental: a emoção.

Como atar as duas pontas? Técnica e emoção parecem não se dar bem. Confesso que escrever passou a ser uma tortura. Pensei que não fosse escrever mais nada, a não ser resenhas. Não conseguia mais produzir uma linha com a tranquilidade dos primeiros anos. O estudioso de teoria brigava com o ficcionista o tempo todo. Perder totalmente a inocência faz muito mal ao escritor. A fonte havia secado. Vi que, se não desvinculasse o escritor do professor de teoria, sobretudo na hora do primeiro jorro da escrita, jamais voltaria a escrever qualquer historinha. O crítico só poderia vir depois, com todo o seu arsenal para dizer o que fica e o que não fica. Neste momento, é importante conhecer as técnicas de ficção para ter segurança do que se está fazendo.

A aprendizagem foi dura e longa. Hoje, como nos primeiros tempos, deixo que a imaginação alce voo sem nenhuma censura (aprendi com um psicoterapeuta), sem me cobrar nada, sem visar a resultados imediatos. Se der certo, ótimo. Se não, tomo aquilo apenas como um exercício. Como me considero um humilde discípulo de Valéry, sempre acho que um texto pode ser trabalhado ao infinito. Quem põe um ponto final nele é o editor, quando diz “chega”. Para o autor, a obra é interminável, sempre passível de reconstrução. Valéry dizia também que não há texto perdido, desde que a gente o trabalhe até chegar a uma forma, se não perfeita, pelo menos satisfatória. É isso que persigo obstinadamente. Primeiro, escrevo o texto, que nunca vem pronto de primeira. Nunca sei aonde vai dar. Assusta um pouco, porque você pode colocar nele toda a sua energia e esperança e, ao final, não chegar a resultado nenhum. Nisso, escrever tem muito a ver com o trabalho de Sísifo. Muitos contos já vêm mais ou menos bem delineados, outros precisam de anos para chegar a um fim satisfatório. Esse trabalho é incansável. Ocupa os dias e as noites. Às vezes, até os sonhos. O trabalho de imagem é o mais difícil. Quase sempre as primeiras versões são as melhores. À medida que vou sofisticando o texto, vejo que só o pioro. É preciso ter a medida certa, o que nem sempre é fácil. Por isso preciso de uns três ou quatro leitores especiais para apontar meus defeitos.

Qualquer coisa que a gente escreve pode chegar a bom termo, desde que trabalhemos, trabalhemos, sem trégua. Hoje posso dizer que tenho alguma tranquilidade para escrever. Sei que nem tudo vai dar certo. É com pena que abandono algumas histórias que teimam em não se concretizar. Que fazer? Nada. Certas personagens são como certas pessoas: atizam nossa curiosidade e depois somem para um espaço a que não se tem mais acesso. Resta-nos a frustração do conto que não foi escrito e que nunca será esquecido. Não adianta brigar com as histórias que nos recusaram. Melhor trabalhar aquelas que se mostram, desde os primeiros instantes, dóceis ao tato. Escrever exige muita paciência.

Por que a gente escreve? Não sei. Se fosse possível ficar sem escrever, para lembrar Clarice, seria uma danação a menos. Talvez escrevamos para **“sacudir o sentido do mundo, propor-lhe uma interrogação indireta, à qual o escritor, em última análise, se abstém de responder”**, como diz Roland Barthes.

Aracaju, agosto de 2009.

Antonio Carlos Vian